

Conexão Brasil- Alemanha

Cooperação espontânea marca a relação científica entre os dois países no início do século 20

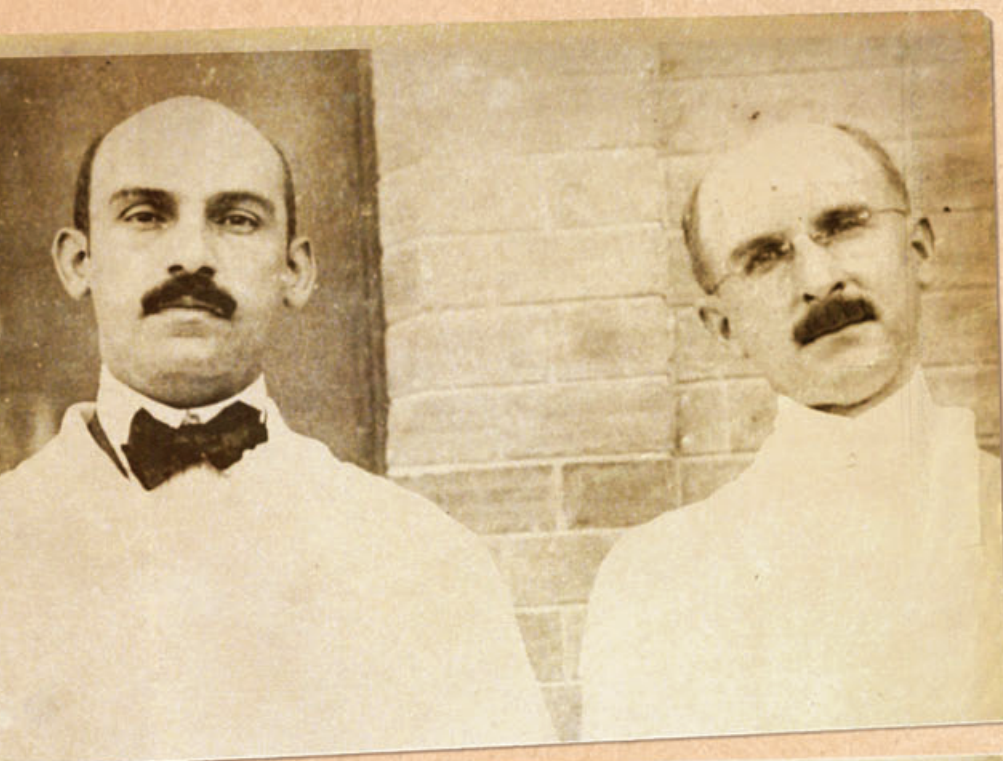
Haendel Gomes



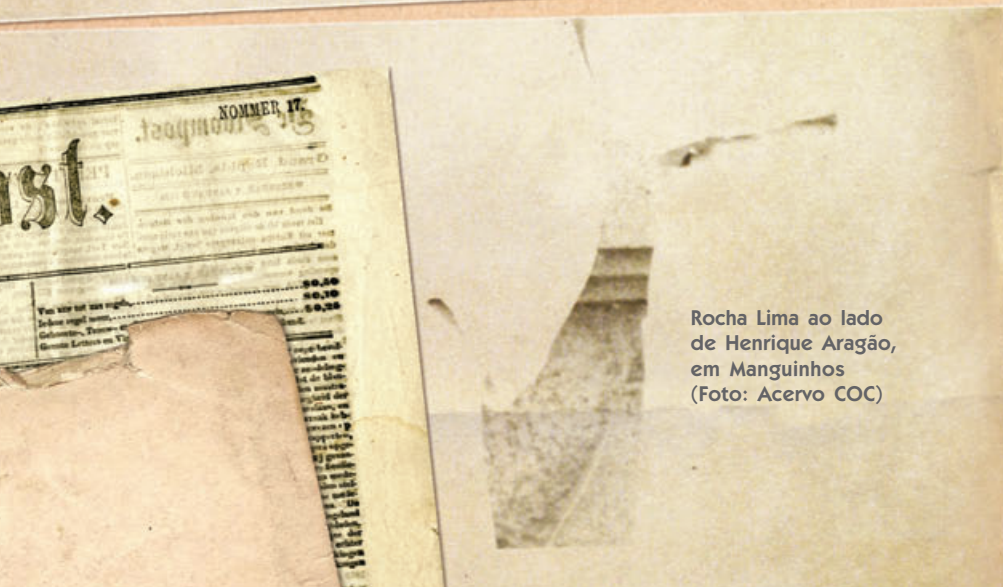
o decorrer do século 20, grande parte das cooperações científicas do Brasil com o exterior foi feita espontaneamente, sem necessariamente terem sido formalizadas ou chanceladas pelo Estado, explica o historiador e pesquisador da Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz) André Felipe Cândido da Silva. “De certa forma, a cooperação foi componente quase intrínseco da atividade científica”, acrescenta. Embora sem formalização oficial, a relação científica entre Brasil e Alemanha foi intensa e importante para o desenvolvimento de programas de pesquisa no início da trajetória da Fiocruz. A criação do Instituto Soroterápico de Manguinhos (embrião da atual Fundação), em 1900, coincidiu com o auge do predomínio da Alemanha na medicina e nas ciências naturais de uma forma geral. Em 1901, Henrique da Rocha Lima, um dos jovens cientistas que auxiliavam Oswaldo Cruz no Instituto, embarcou para Berlim com intuito de completar seus estudos em medicina. Tornou-se o principal articulador desse intercâmbio.

“Cooperar e competir representam duas dimensões constitutivas do fazer científico desde que este se organizou como prática autolegitimada”, avalia o historiador da COC e editor científico da revista **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**. Ele observa que os Estados nacionais podem favorecer ou instrumentalizar a cooperação, por meio de acordos bilaterais; do mesmo modo organizações multilaterais fomentam atividades de cooperação entre coletivos de pesquisa.

Em 1904, Manguinhos recebeu os pesquisadores do Instituto de Doenças Tropicais de Hamburgo Hans Moritz Otto e Rudolf Otto Neumann, interessados na febre amarela e, principalmente, nas estratégias de Oswaldo Cruz para conter a enfermidade. A dupla levou para a Europa exemplares do inseto transmissor. E aplicou a metodologia do sanitarista para combater a epidemia de febre amarela no Togo, então colônia alemã. As articulações de Rocha Lima junto aos expoentes da pesquisa médi-



Rocha Lima ao lado de Henrique Aragão, em Manguinhos
(Foto: Acervo COC)





Rocha Lima (ao centro) com seus alunos do curso de especialização em medicina tropical, no Instituto de Hamburgo, em 1924
(Foto: Centro de Memória do Instituto Biológico de São Paulo)

ca germânica possibilitaram a participação do Brasil, representado pelo IOC, no 14º Congresso e Exposição Internacional de Higiene de 1907, em Berlim.

O evento deu ao país a medalha de ouro, um reconhecimento à produção brasileira, resultado do esforço dos jovens pesquisadores de Manguinhos e pela campanha contra a febre amarela no Rio de Janeiro. Em Berlim, os brasileiros apresentaram trabalhos originais, amostras de soros e vacinas, fotos e maquetes das edificações em construção no Instituto, entre outros objetos. Além de consagrar Oswaldo Cruz, o prêmio impulsionou a aprovação do projeto que transformava o Instituto Soroterápico em instituição de medicina experimental.

Com o sucesso, Manguinhos recebeu em 1908 o protozoologista Stanislas von Prowazek e o químico Gustav Giemsa, ambos do Instituto de Doenças Marítimas e Tropicais de Hamburgo, que realizaram estudos e ministraram cursos. Foi um momento fundamental para o desenvolvimento do estudo dos protozoários como área de excelência do IOC, reforçada com a descrição da doença de Chagas. No mesmo ano, veio à instituição brasileira o médico militar Ernst Rodenwaldt, que, em suas memórias, registrou a surpresa com o vigor daquele centro de pesquisas e a modernidade de suas instalações.

Ao lado de Prowazek, Henrique Aragão pesquisou a varíola, que se alastrava no Rio de Janeiro em violenta epidemia. Prowazek e Arthur Neiva realizaram juntos expedição à região banhada pelo Rio Tietê, em São Paulo. Entre as principais contribuições do par-

ceiro alemão para o desenvolvimento científico do Instituto Oswaldo Cruz, destaca-se o estudo dos protozoários de vida livre, iniciado por Aragão, mas continuado por Aristides Marques da Cunha e João Gomes de Faria.

Rocha Lima retorna ao Brasil

Em 1926, havia uma nova geração de pesquisadores no IOC, que abrigou Rocha Lima durante seis meses para fazer pesquisas. Acabou convidado a integrar o corpo de cientistas da instituição comandada agora por Carlos Chagas. "Indeciso, afinal, conquistara posição de prestígio incomum para um estrangeiro na Alemanha, ele propôs um acordo de cooperação, dividindo-se entre o Instituto de Hamburgo e Manguinhos", lembra o historiador.

Em 1929, Travassos passou um período em Hamburgo para desenvolver pesquisas em sua especialidade, a helmintologia. Os pesquisadores alemães esperavam que ele substituísse Rocha Lima no papel de articulação do intercâmbio entre Brasil e Alemanha. No ano anterior, Rocha Lima decidira retornar definitivamente ao Brasil; não para o Instituto Oswaldo Cruz. Ele foi dirigir a seção de Patologia Animal no Instituto Biológico de São Paulo, órgão criado por Arthur Neiva, outro discípulo de Oswaldo Cruz.

Naquele ano, durante a epidemia de febre amarela no Rio de Janeiro, o IOC sediou as pesquisas do patologista Max

Kuczynski, cuja chegada envolveu negociações diplomáticas e o patronato do "mecenas" Guilherme Guinle. Tinha o objetivo de "investigar a etiologia da febre amarela, estudar a produção de uma vacina e verificar a identidade da forma americana e africana da doença", explica André Felipe, que atualmente escreve sobre este episódio com a também pesquisadora da Casa de Oswaldo Cruz Magali Romero Sá (vice-diretora de Pesquisa, Educação e Divulgação Científica da COC). "Era uma trilha de investigação em grande parte já percorrida pelos pesquisadores de Manguinhos", revelou.

Segundo ele, tal produção foi ignorada pelo patologista alemão, que retornou à Alemanha sem comprovar suas hipóteses controversas. Com o distanciamento de Rocha Lima do Instituto Oswaldo Cruz, "perde-se um pouco a pista das cooperações acadêmicas com os alemães", constata o pesquisador. Isso não significa que elas não tenham tido continuidade. "Pelo contrário, é sabido que prosseguiram inclusive depois da Segunda Guerra Mundial. Analisá-las, no entanto, representa outro investimento de pesquisa", salienta.

"O conhecimento desse histórico de cooperação ajuda-nos a compreender a inserção do Brasil no plano da circulação transnacional de conhecimentos. Mostramos que a internacionalização não se alcança com paliativos ou medidas 'forçadas', mas resulta do contato, convivência e diálogo efetivo dos pesquisadores brasileiros com seus pares estrangeiros, alemães ou de qualquer outra nacionalidade", afirma André Felipe.